

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO
RURAL - PLAGEDER

Valmir Goulart Maciel

CULTIVO E COMERCIALIZAÇÃO DE HORTALIÇAS DOS AGRICULTORES
FAMILIARES DO RINCÃO DOS AMÉRICOS EM ARROIO DOS RATOS/RS

ARROIO DOS RATOS, RS

2011

Autor: Valmir Goulart Maciel

**CULTIVO E COMERCIALIZAÇÃO DE HORTALIÇAS DOS AGRICULTORES
FAMILIARES DO RINCÃO DOS AMÉRICOS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. João Armando
Dessimon Machado

Coorientador: Tutora Tatiane Bagatini

Arroio dos Ratos, RS

2011

Valmir Goulart Maciel

**CULTIVO E COMERCIALIZAÇÃO DE HORTALIÇAS DOS AGRICULTORES
FAMILIARES DO RINCÃO DOS AMÉRICOS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado em: Arroio dos Ratos de ____ de _____ de 2011.

Prof. Dr. João Armando Dessimon Machado – orientador
UFRGS

Prof. Dr. Lovois de Andrade Miguel
UFRGS

Prof^a. Dr^a. Saionara Araujo Wagner
UFRGS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha família em especial esposa e filho que ao longo dessa jornada proposta pela universidade, me deram incentivo dia a dia para prosseguir nessa tarefa. Mesmo diante das dificuldades que encontrei durante o período, nunca me deixaram desistir do caminho a ser percorrido.

Também devo agradecimento à direção do pólo pelo empenho, dedicação e responsabilidade desprendidas.

Ao colega de classe La Hire Flores que serve de exemplo a ser seguido, por seu grau de restrições de locomoção e problemas de saúde adversa que em certos momentos dificultou ainda mais seus objetivos e nem por isso se deixou abalar e nos incentivou a prosseguir sem pensar em desistir, nos servindo como mestre a alcançar nossos ideais.

Ao professor orientador João Armando Dessimon e tutora Tatiane Bagatini que juntos me colocaram no caminho correto para a elaboração deste trabalho e também a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para minha formação e crescimento como ser humano.

RESUMO

A relação de produção e comercialização de hortaliças em pequenas propriedades rurais é desprezível se comparado ao método tecnificado. Com o crescente interesse das pessoas pela sustentabilidade do planeta e produzir alimentos mais saudáveis, trouxe a idéia de consumir esses produtos adquiridos em pequenas propriedades, produzidos por grupos familiares, que aos poucos resgatam os velhos hábitos deixados de lado com o fortalecimento da agricultura por expansão da revolução verde. Neste contexto, a necessidade de voltar às velhas práticas agricultáveis volta com força total e atinge nichos de mercados diferenciados da agricultura mecanizada e moderna de produção em grande escala, sendo assim, possível equilibrar as dimensões econômicas, sociais e ambientais dentro da produção de alimentos em unidades de produção de pequeno porte, voltadas a produção de hortaliças, servindo de referência alimentar a mesa dos brasileiros. O presente trabalho é um estudo de caso de forma empírica, referencial e também por entrevistas semi estruturadas, que se buscou identificar o processo de produção e comercialização de hortaliças em pequenas propriedades rurais. Identificando os valores dessas atividades o estudo ocorreu baseado em alguns estabelecimentos produtivos de caráter familiar com a comercialização de algum excedente. Estas propriedades possuem áreas em média menores que 50 hectares e estão localizadas no interior do município de Arroio dos Ratos, RS, na localidade do Rincão dos Américos onde se pratica a agricultura familiar. O método utilizado para coleta de dados foram algumas entrevistas informais realizadas com os proprietários dos estabelecimentos, também foi realizada uma análise histórica cronológica do local, narrado pelos moradores mais velhos que na grande maioria são descendentes dos primeiros colonizadores que ainda persistem em manter as influencias de valores pessoais que receberam de seus pais, como: o trato educado e simples com as pessoas, os hábitos culturais de lidar com a terra, o manejo com os animais e o grau de comprometimento de transmitir as futuras gerações às obrigações de harmonizar a relação homem e meio ambiente.

Palavras chave: agricultura familiar; hortaliças; comercialização.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	8
1.1. CENÁRIO.....	8
1.2. PROBLEMA.....	9
1.3. JUSTIFICATIVA.....	10
1.4. OBJETIVOS.....	10
1.5. Objetivo geral.....	10
1.6. Objetivos específicos.....	10
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	11
2.1. Sustentabilidade.....	13
2.2. Dimensão econômica.....	13
2.3. Dimensão social.....	14
2.4. Dimensão ambiental.....	14
2.5. O potencial poder de organização dos produtores.....	15
2.6. A organização para comercialização.....	16
3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	17
3.1. O local de pesquisa.....	17
3.2. Estratégias de pesquisa.....	18
3.3. Descrição das propriedades.....	19
3.4. Ambiente de pesquisa.....	19
3.5. Etapas de pesquisa.....	20
3.5.1.Preparação para coleta de dados.....	20
3.5.2.Coleta de dados.....	20
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	20
4.1. Histórico dos produtores.....	21
4.2. Atividades desenvolvidas.....	24
4.3. Produção leiteira.....	24
4.4. Produção frutífera.....	25
4.5. Atividades não agrícolas.....	25
4.5.1. Comércio avulso nas propriedades.....	26
4.6. Descrição desta negociação.....	26
4.7. Critérios para comercialização.....	27
4.8. Possíveis formas de Venda das hortaliças de maneira conjunta.....	27
4.9. Sustentabilidade nas propriedades.....	30

4.9.1 Dimensão econômica da sustentabilidade nas atividades.....	31
4.9.2 Dimensão social das atividades.....	31
4.9.3 Dimensão ambiental das atividades.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33
APÊNDICE.....	35

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de práticas culturais alimentares, no âmbito da agricultura familiar, vem ganhando terreno à medida que países desenvolvidos e em desenvolvimento, estreitam o diálogo em relação às boas práticas de cultivos que sejam menos nocivas ao ser humano e ao meio ambiente. Com isso, está sendo adotada por vários seguimentos sociais a retomada de práticas milenares que ao longo dos anos foram passadas de geração a geração até encontrar a barreira do crescimento industrial e a tecnificação do campo, que negligenciou a atenção aos pequenos produtores, privilegiando produções em alta escala.

Assim, estão sendo resgatadas antigas práticas e cultivares, fazendo-se necessário pensar estratégias que garantam sua inserção em um mercado altamente competitivo. Um dos instrumentos que pode ser utilizado para fortalecer e alcançar os nichos de mercado diferenciados é o associativismo

Para ilustrar esta realidade, apresentaremos a seguir uma comunidade tradicional residente na localidade conhecida por Rincão dos Américos em Arroio dos Ratos, RS. Os produtores deste local mantêm estas práticas no desenvolvimento de produção de hortaliças para o consumo de subsistência no quintal de seus estabelecimentos e enfrentam problemas para comercializar o excedente.

1.1. Cenário

A região carbonífera teve sua nascente na extração do carvão mineral. Essa atividade juntamente com a revolução verde foi, ao longo dos anos, perdendo força à medida que chegamos a discussão a respeito da insustentável situação a que a exploração desordenada das fontes de energia (solo, água, terra e biodiversidade).

Arroio dos Ratos/RS destacou-se das demais cidades vizinhas, fornecendo carvão para abastecer a termelétrica do gasômetro. Com o declínio do carvão sua auto-sustentação praticamente “fechou as portas”, restando alguma fábrica ou indústria em fase de instalação e as atividades rurais aos poucos começaram a ser o centro das atenções.

A emancipação política do município de Arroio dos Ratos, em 1964, objetivou modificar a situação de abandono a que foi relegada a comunidade local, buscando a reestruturação sócio-econômica do Município. Com a ajuda financeira do Governo do

Estado do Rio Grande do Sul, o poder municipal construiu um hospital, algumas escolas e adquiriu as antigas casas de propriedade das companhias mineradoras para a habitação de parte da população urbana (Filho Apud Sulzbach, 1989 p.68).

Segundo Sulzbach (1989) a idéia emancipacionista do município de Arroio dos Ratos após o declínio do ciclo do carvão, surgiu no Rincão dos Américos, durante uma festa de casamento. Nesse local encontravam-se eminentes políticos locais, e a comunidade Arroio Ratense passou a contar com a emancipação como forma de auto sustentar.

Nessa localidade de espaço geográfico limitado, existem agricultores na sua maioria familiares que produzem para a subsistência. Paralelo a essas atividades, a fabricação de cerâmicas (tijolos e telhas), criação de gado para corte e outros trabalhos sazonais dão continuidade a rotina diária dessas pessoas. Essas famílias são moradores antigos do local e com o passar dos tempos foram herdando de seus antepassados as propriedades. Exploravam o local de todas as formas, inclusive com fornecimento de escoras e dormentes dando sustentação aos trilhos dos trens que transportavam o carvão até a cidade de Charqueadas.

Em termos de produção agrícola, esta comunidade produz basicamente para sua própria subsistência, com alguma comercialização de excedentes na porteira, em praça pública ou eventualmente em pequenos grupos sem datas pré-fixadas. Também pode-se destacar nesta comunidade a associação de bairro atuante. Apesar de poucos anos de sua criação, vem no decorrer dos tempos adquirindo vantajosos benefícios a todos os moradores e proprietários de terras do local. Dentro destas conquistas se destacam: a energia elétrica em toda a extensão, água encanada e tratada pela companhia Corsan, coleta de lixo duas vezes por semana, linha de ônibus regularmente, transporte para os estudantes e patrulha agrícola fornecida pela secretaria municipal da agricultura esta, com prévio agendamento por meio do presidente da associação, realizam serviços de roçamento dos campos, lavragem e discagem na época dos plantios.

1.2. Problema

Existem agricultores familiares no Rincão dos Américos que exercem inúmeras atividades relativas ao meio rural. Dentre as atividades desenvolvidas, a horticultura se faz presente na grande maioria dos estabelecimentos. Esta

produção se destina ao consumo da família, que absorve 20% do que é produzido.

A horticultura é praticada pelas mulheres que ficam a cuidar do lar. Dessa produção o excedente se faz presente em todos os estabelecimentos que se perde juntamente com mão de obra valiosa.

1.3. Justificativa

Apesar de predominar a produção para subsistência há um excedente de produção que pode e deve ser comercializado, de modo a contribuir para a renda dessas famílias, além de atender uma demanda crescente por produtos obtidos de forma menos agressivas ao homem e ao meio ambiente.

1.4. OBJETIVOS

Com vistas a se encontrar as possíveis respostas para a problemática abordada nesse trabalho, foram formulados os seguintes objetivos:

1.5. Objetivo geral

Compreender o sistema de produção e comercialização de hortaliças no Rincão dos Américos, Arroio dos Ratos/RS.

1.6. Objetivos específicos

- 1- Descrever o sistema atual de produção hortícola em estudo.
- 2- Descrever o sistema atual de comercialização hortícola em estudo.
- 3- Visualizar cenários alternativos da organização dos agricultores com vistas à comercialização conjunta.

2. REVISÃO DA LITERATURA

A revisão teórica deste estudo irá focalizar os conceitos envolvidos na problemática. Ela tem como propósito melhorar a compreensão do leitor com relação aos assuntos abordados no trabalho. Sendo assim, serão abordadas as questões da sustentabilidade, produção e comercialização. Será abordado, também, o potencial da associação como forma de incremento na tomada de decisão pelo grupo, enfocando a questão de alcançar nichos de mercado diferenciado no local e região carbonífera.

O alcance de novos mercados, necessariamente terá a sustentação em estrutura de meios materiais disponíveis ao transporte dos produtos até os centros de comercialização, tanto nas feiras como ao varejo. Somadas essas ferramentas de viabilidade, vem por último à fidelização dos consumidores.

A agricultura familiar sempre foi o eixo mestre para alimentar grande massa da população mundial, e ao longo dos anos obtiveram algumas denominações inerentes a atividade Olalde; Portugal [ca. 2010] alinham um retrospecto permitindo afirmar, que no passado foram utilizadas denominações para se referir à agricultura familiar: na década de 50 e 60 prevaleceu a utilização do termo “camponês”, nos anos 70 a de “pequeno produtor” e, mais recentemente a de agricultor familiar. Na última década está havendo uma tentativa de re-significar o conceito de agricultor familiar e de tornar esta categoria central num modelo de desenvolvimento. (OLALDE; PORTUGUAL, [ca. 2010])

A partir dos anos 1990, a agricultura familiar, como forma de diversificação da produção, vem se desenvolvendo em todos os pontos do mundo e tem como característica a predominância da mão-de-obra e gerenciamento por membros da família. “Ao contrário da agricultura convencional, a agricultura familiar busca equilibrar o uso dos recursos naturais atuando ativamente no processo de transição para uma agricultura sustentável”. (TOMASETO, et al 2009, p. 2)

Em termos gerais a produção em escala, que explora os recursos naturais e produz rejeitos, pode degradar a natureza se não for observado o manejo adequado com o meio ambiente. Nesse sentido, Silva (2003) manifesta que as terras são bens naturais e limitados, portanto, sua exploração deve ser racional à medida que se explora um determinado recurso. Os desmatamentos de grandes áreas de florestas para ampliação da atividade

agropecuária, a extração irresponsável de recursos minerais do solo, a redução da biodiversidade pela exploração da caça, pesca comercial e o lançamento de resíduos nocivos na natureza são exemplos claros de como essa mentalidade vem agredindo o meio ambiente durante anos.

Entretanto, paralelamente a este cenário existe um número de consumidores de produtos alimentares menos prejudiciais à saúde e obtidos por processos também menos prejudiciais ao ambiente. Estes consumidores encontram na agricultura familiar uma possibilidade de alcançar suas demandas.

Neste contexto têm-se o crescimento da volta a antigos costumes (consumo de produtos naturais) deixados de lado pela sociedade dita moderna, na busca da sustentabilidade dos meios explorados e defesa de uma melhor qualidade de vida acessível a todos nesta geração e futuras.

Nesse sentido, Pinheiro (1992) apud Luiz e Silveira (2000) visualizam como caminho viável a agricultura familiar que representa a alternativa possível de garantir as fontes de biodiversidade e incrementar a sustentabilidade. Isso se dá porque o modelo baseado na produção familiar tende a utilizar forma mais racional os insumos externos e por isso é o que melhor atende às pressões sociais, que vêm aumentando no mundo inteiro, no sentido de uma maior preservação do ambiente.

Partindo do sentido mais amplo em termos geográficos, reduzem-se as áreas cultivadas a pequenas frações de terras denominadas de sítios ou produtores que produzem em pequena escala de uso exclusivo ao sustento familiar e animais de pequeno porte. Esse método milenar de produzir não segue a mesma lógica da agricultura convencional que em primeiro momento veio para resolver o problema da fome mundial, mas que até o momento não conseguiu.

Entretanto, concorrer em um mesmo mercado tendo produção em escala torna-se difícil, assim alguns produtores familiares visualizaram mercados diferenciados devido à grande procura pelos consumidores ao associarem produção de pequena escala a alimentos mais saudáveis, e com essa porta aberta se fez presente a necessidade de unir forças para alcançar nichos diferenciados e também incrementar ainda mais suas produções de autoconsumo:

Neste contexto, as unidades familiares intensificam o ritmo de trabalho, dão preferência aos “cultivos comerciais”, independente do princípio da alternatividade, e especializam-se em poucas culturas, diferentemente da policultura existente outrora. A

produção para o autoconsumo passa de uma condição prioritária para complementar. O tempo de trabalho, a mão-de-obra disponível e os recursos produtivos são reorganizados em função dos cultivos comerciais e estes disputam espaço com o autoconsumo, condicionando-o a uma função de complementaridade. Além disso, a facilidade e a disponibilidade variada de alimentos nos mercados (inclusive de alimentos fora da estação) são fatores que potencializam esta reorganização da unidade familiar. (GRISA; SCHNEIDER, 2008 p.8)

Na agricultura familiar a produção de horticultura destaca-se à medida que produtores se organizam em grupos associados ou cooperados. Essa ferramenta cria identidade própria que caracteriza os produtores.

2.1. Sustentabilidade

A sustentabilidade tornou o convívio social mais harmônico quando falamos e aplicamos corretamente o que enuncia a palavra. Nesse sentido a sustentabilidade tornou comprometedor e responsável as atitudes humanas com relação a preocupar-se com as gerações futuras.

O conceito de desenvolvimento sustentável é polissêmico e apresenta abordagens diferenciadas, desde a biologia até a economia. No entanto, as tensões da combinação de dois tipos distintos de racionalidade, a econômica e a ecológica, tornam a sua operacionalização difícil. Apesar disso, o termo desenvolvimento sustentável vem sendo sistematicamente adotado nas convenções internacionais sobre meio ambiente e desenvolvimento. É repetido exaustivamente nos documentos oficiais e inserido na formulação de políticas públicas pelo mundo a fora e no Brasil. (JATOBÁ et al. 2009, p.16)

Diante dos fatos que norteiam a sustentabilidade, os produtores familiares do Rincão dos Américos, seguem o mesmo viés de responsabilidade no instante que cultivam hortaliças de forma rudimentar e ocupam o mesmo espaço para esta atividade.

2.2. Dimensão econômica

O valor econômico do desenvolvimento sustentável não se trata de buscar aumento de produção e produtividade, pois de forma desordenada, podem ocasionar redução de renda (do caso desperdício do excedente) ou até mesmo danos ambientais que podem resultar em perdas econômicas em curto e médio prazo. Nessa linha de raciocínio, Assis (2003) retrata que a agricultura

convencional, a maior interação com o mercado estabelece, sobre estes agricultores, forte pressão de demanda por certos produtos orgânicos, em razão da maior facilidade de acesso a informações e a mercados diferenciados, que muitas vezes leva à busca de resultados imediatos de produtividade que põem em risco a sustentabilidade da atividade agrícola.

2.3. Dimensão social

Segundo, Binkowski (2009) descreve em seu estudo que o conjunto de valores somados, da sustentação harmônica a uma sociedade mais justa:

Esta deve ser uma sociedade construída com soberania dos povos e participação. Será fundada na justiça social, econômica, ambiental e de gênero e livre de todas as formas de dominação e exploração, baseada em valores como: diversidade cultural e ecológica; soberania dos povos, direitos humanos e dos povos; equidade social, ambiental, econômica e de gênero; respeito à natureza e à relação indissociável entre natureza e sociedade; democracia participativa e outras formas de participação nos processos de decisão; valorização das realizações e ações coletivas como meio de construção de um mundo melhor. (BINKOWSKI, 2009 p.105)

Uma sociedade justa seria alicerçada nos preceitos elencados acima pela autora, porém a realidade nos retrata um cenário totalmente inverso do corretamente.

2.4. Dimensão ambiental

Entre todas as dimensões, a ambiental é a que mais necessita de valoração pelos atores, pois é através dela que dá-se continuidade à vida. Tratar a natureza é a base essencial para ações que se queira manter novas atividades futuras, o que exige não apenas a preservação ou a melhoria das condições da biodiversidade, mas também a manutenção e melhoria do solo, das reservas e dos recursos hídricos, assim como das fontes naturais. Isso exige profundas mudanças na visão que ainda prevalece, neste final de milênio, do que se chama natureza e das relações estabelecidas entre a sociedade humana e seu ambiente de vida. (MELO, 2001)

2.5. O potencial poder de organização dos produtores

Nas pequenas propriedades rurais, encontra-se freqüentemente situações onde o produtor sabe plantar, cuidar e colher, mas ao comercializar vende a preços sugeridos pelos compradores. Diante desta circunstância se vêem desmotivados na busca em melhorias e aumento de produção, visto que a cada safra recai o desmotivamento por produzir e não ser reconhecido pelos potenciais compradores. Necessariamente precisam tomar decisões e correrem riscos para poderem competir neste mercado altamente concorrido e livrar-se da figura do atravessador. Segundo Souza (2009), o pequeno varejo foi durante muito tempo, e continua sendo em algumas regiões, o principal canal de comercialização para a produção diversificada da agricultura familiar, com destaque para o grupo de FLV¹.

Os produtores familiares do Rincão dos Américos possuem ao seu alcance uma ferramenta valiosa e reconhecida em outras regiões do país. As associações de bairros possuem grande potencial como o caminho mais rápido e sólido para e conquistar os atores envolvidos.

Como bem interpretam Florisbello et al. (2007):

E é por isso que o fortalecimento das organizações sociais locais figura como um objetivo central nos processos de desenvolvimento local. Podemos relacionar alguns indicadores alcançados nesse sentido: a capacidade de diferenciação de papéis entre as organizações sociais; o estabelecimento de um conjunto de estratégias e, com base nelas, a execução de ações coerentes; o grande reconhecimento da organização local por parte de sua base social e o constante envolvimento de novas pessoas nos seus trabalhos; e a renovação dos quadros políticos das organizações, sem que a qualidade da intervenção seja reduzida. (FLORISBELO et al., 2007, p.4)

Esses produtores associados necessitam de impulso e diálogo, como destaca Souza (2009): Na agricultura familiar é comum a organização coletiva (grupos, associações, cooperativas) para fortalecer estratégias de reprodução social, como por exemplo, para conseguir espaço no mercado. Nesta linha de raciocínio, cabe a liderança da associação em visualizar e tomar proveito dessa organização, e com isso fechar a cadeia produtiva.

¹ Frutas, Legumes e Verduras.

Os agricultores familiares do Rincão dos Américos desfrutam de melhorias já conquistadas pela associação, mas esse benefício só ocorre da porteira para dentro.

2.6. A organização para comercialização

Dentre os fatores que influenciam a tomada de decisão dos indivíduos encontra-se o fator percepção. Como visto anteriormente, os agricultores familiares do Rincão dos Américos possuem ao alcance um mecanismo valioso a unir forças, porém, ainda não perceberam este potencial.

A produção de hortaliças na grande maioria excede ao consumo familiar. Segundo Bluainain et al (2003), o autoconsumo também varia intensamente entre os sistemas produtivos e o nível de capitalização, mas, mesmo entre os produtores mais capitalizados da Região Sul, o consumo da família corresponde a quase 20% do produto gerado pela unidade produtiva.

Dessa forma, o excedente é comercializado de várias maneiras, entre elas: um produtor que outro coloca a produção em veículo próprio e desloca à área urbana para comercializar. Outros vendem na porteira para os transeuntes do local e a grande maioria da produção, serve de base alimentar aos pequenos animais que por sua vez economizam com a compra de alimentos industrializados no varejo.

De uma forma ou de outra, a produção pouco é perdida, porém o desperdício ocorre no momento que chega aos animais. Entretanto, dada ainda a baixa escala de produção torna a comercialização de forma individual inviável podendo ser melhorado por meio de organização em torno da associação.

Atualmente, existem alguns métodos de auxílio à união dos produtores de pequena escala, mas necessariamente esta união necessita estar alicerçado em perspectivas futuras lucrativas que possam em curto prazo visualizar esses objetivos. Segundo Souza (2009) a união destes atores, é o eixo fundamental e viável a fazer frente à grande concorrência:

Ao que se percebe, agricultores familiares e pequenos comerciantes varejistas buscam na cooperação, em suas diversas modalidades (grupos, associações, cooperativas), caminhos para enfrentar a competição no sistema alimentar, que é cada vez mais acirrada devido às dinâmicas de inovação tecnológica e modernização do varejo. (SOUZA, 2009, p. 12)

Partindo do pressuposto que os agricultores moradores no local praticam agricultura de subsistência, e diante do potencial aumento ou diversificação da produção que possa servir de subsídio ao fornecimento de produtos hortícolas viáveis a preços competitivos. Tendem a galgar mercados diferenciados, sem concorrer diretamente com a agricultura convencional e devem aspirar lucratividade e assim, trabalhar de maneira diferenciada e oferecer produtos mais saudáveis, conquistando consumidores.

Segundo Lewin [ca. 1935] “um estímulo do ambiente pode, assim, em determinadas circunstâncias, ativar uma necessidade do indivíduo ou gerar nele uma quase necessidade, que exige ser satisfeita”. Desta forma, pode-se em primeiro lugar motivar os atores a visualizar a busca de produzir cada família em seus estabelecimentos com suas culturas rotineiras e ao final unir-se em conjunto para somar uma força única, agregando maior valor a seus produtos e, conseqüentemente, maior lucratividade e melhor qualidade de vida para esta comunidade. Em segundo lugar, deste ponto em diante dar continuidade ao projeto, onde os produtores podem organizar encontros semanais para socializar os envolvidos e discutir novos focos a alcançar novos mercados.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que segundo Gil (2007) não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc.

Quanto à natureza, optou-se por pesquisa exploratória. Gil (2007) esclarece que este tipo de pesquisa tem o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou constituir hipóteses. Nesse capítulo serão definidas as estratégias de pesquisa, o ambiente onde ocorrerá a mesma e, por fim, suas etapas.

3.1. O local de pesquisa

O estudo foi focado em cima de uma comunidade que habita o local mesmo antes da emancipação do município. Nesse local existem produtores familiares que cultivam alimentos da base alimentar diária de suas famílias. O local faz parte da zona rural do município de Arroio dos Ratos e exerce grande destaque entre as zonas rurais, pois nele foi firmada raiz pelos imigrantes

portugueses que partiram da Europa em direção a América. Rincão dos Américos como é conhecido a localidade, se posiciona ao Sul do município e faz fronteira com dois municípios, Barão do Triunfo e São Jerônimo.

3.2. Estratégias de pesquisa

A estratégia de pesquisa utilizada nesse trabalho é o estudo de caso na qual utilizou-se entrevista semi-estruturada (Apêndice 1). Tem o caráter de aprofundar e detalhar a realidade dos casos estudados. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. Diferencia-se por lidar com uma ampla variedade de evidências através de documentos, entrevistas, artefatos e observações passivas ou participantes. (GIL, 2007)

Nesse sentido, Silva e Rocha (2010), fazem considerações importantes a respeito do assunto:

A divisão sexual do trabalho na agricultura familiar é fortemente adversa às mulheres. Muitos dos trabalhos assumidos por mulheres em comunidades rurais apresentam características como a variabilidade no tempo e no espaço, a irregularidade na demanda, sua compatibilização com as tarefas domésticas e, por conseqüência, a dificuldade de contabilizar o tempo de trabalho. Os fatores reforçam a visão corrente das mulheres mais como donas de casa, ajudantes do companheiro e não como sujeitos produtivos. A mulher trabalhadora rural ainda apresenta-se como uma mão-de-obra explorada no âmbito da produção da agricultura familiar, mesmo com todos os movimentos e lutas das mulheres no processo de reconhecimento de sua importância no processo produtivo. O trabalho da mulher nos pequenos cultivos, muitas vezes no quintal da propriedade rural, ao redor da casa, nos igarapés e até mesmo nos pescados artesanais garante a alimentação da família no cotidiano, ficando a geração da renda para os homens no processo produtivo de cultivos maiores e na negociação nos mercados (SILVA; ROCHA, 2010).

Como referenciado acima, o trabalho da mulher é considerado monetariamente como atividade não computada e a capitalização familiar fica por conta do trabalho do homem.

3.3. Descrições das propriedades

As propriedades em estudo localizam-se a aproximadamente 12 km de distância da área urbana de Arroio dos Ratos, RS. Apesar de sua proximidade como a região central da cidade, os proprietários e moradores do local, são bem diversificados quanto a suas atividades e características de cada um. Grande parte dos proprietários de terras possui lotes pequenos, em média de 30 ha por fração, e estes por sua vez não residem no local, e desfrutam como sítiantes de finais de semanas. A outra parte residente usa e usufrui explorando o meio ambiente de maneira sustentável para poderem conservar por gerações as propriedades, assentando o homem no campo.

A região é caracterizada por um relevo plano a levemente ondulado. As propriedades estão dispostas às margens leste e oeste do arroio que leva o nome do município, e a Oeste de um monte conhecido como cerro do Raposo² apresentando quase que em sua totalidade regiões de declividade considerada. A Norte faz frente com a área urbana do município e ao Sul com os municípios vizinhos de Butiá e Barão do Triunfo. Essas propriedades no início de sua colonização pelos imigrantes eram terras virgens, isto é, somente explorada por índios que habitavam o local e após conquistas por desbravadores, virou terra de proprietários que demarcaram suas áreas e fundaram posse.

As entrevistas ocorreram *in loco* e também fora das propriedades e não foram aplicados questionários ordeiros às pessoas, até porque, as entrevistas informais rendem maior abertura por parte dos entrevistados que tendem a desprender maior material ao estudo e também com maior fidelização nas respostas.

3.4. Ambiente de pesquisa

Esse estudo teve como ambiente estudado a região rural do interior do município de Arroio dos Ratos, no Rio Grande do Sul. Segundo dados da prefeitura, o município foi fundado em 1964, possui área de 426 km², localizado a 48,2419 km da capital Porto Alegre, altitude 69m, pertence à microrregião de São Jerônimo e mesorregião metropolitana de Porto Alegre, RS . A população do município é de 13.608 pessoas, segundo Censo do Instituto Brasileiro de

² Antigo proprietário de sesmaria que englobava parte da região carbonífera que pertencia ao município de Triunfo, RS.

Geografia e Estatística – IBGE (2010). O município, segundo o Censo Agropecuário (2006), possui 244 estabelecimentos agropecuários, totalizando uma área de 19.045 hectares, onde há uma predominância de ocupação de mão-de-obra familiar e sazonal.

3.5. Etapas de pesquisa

As fases da pesquisa ocorreram respectivamente de agosto a dezembro de 2010, portanto, a elaboração do questionário ocorreu de maneira distinta uma entrevista da outra, ocorrendo in loco ou coleta de dados estatísticos através do site do IBGE ou relatos dos moradores mais antigos do local. Após, esta fase predominou a elaboração, compilando-se os dados que reunidos resultaram este estudo específico.

3.5.1. Preparação para a coleta de dados

Essa etapa teve como objetivo aproximar o contato com o ambiente estudado, buscando identificar características do local, dos produtores, da associação, comércio dos produtos olerícolas e o potencial de possíveis mercados de comercialização na região. A identificação de tais características irá ajudar na definição de quais os melhores instrumentos para a coleta de dados, buscando o aumento da confiabilidade nos dados coletados e uma maior eficiência no seu resultado.

3.5.2. Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada em três propriedades, através de entrevistas semi-estruturadas realizadas dentro das propriedades estudadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise proposta por este estudo é o exame qualitativo dos dados. Baseados nos dados obtidos por área das entrevistas foi possível reconstituir e examinar um pouco da história dos produtores.

Procurou-se dispor das informações em ordem cronológica. A estratégia de análise utilizada é a baseada em propostas teóricas. A proposição ajuda a por em evidência certos dados e ignorar outros. Dessa forma busca-se relacionar os dados coletados com os padrões propostos na revisão da literatura.

4.1. Histórico dos produtores

A comunidade estudada possui cerca de vinte famílias residentes no local, além das que possuem propriedades e residem na área urbana e outras cidades vizinhas.

As atividades desenvolvidas abrangem as mais variadas formas de trabalho, desde as atividades com olericultura, agricultura e trabalho sazonal. Os ocupantes da área estudada, além da atividade principal (agricultura) como fonte de renda, também praticam a produção de alimento de base alimentar humano e animal. Os produtores constituem em famílias de dois a três filhos, na maioria menores de idade que num turno durante o dia estudam na área urbana e os outros trabalham com os pais nas atividades da casa. Esse trabalho se divide ao natural por sexo e faixa etária. Observando parece existir um plano uniforme de organização pré estabelecidos pelos gestores do lar. Na verdade esses trabalhos ocorrem de maneira voluntária por parte dos filhos e pode-se atribuir este voluntariado como prazeroso pelos que desde crianças pequenas fazem dessas obrigações uma diversão infantil.

Os adolescentes homens ajudam os pais nas atividades pesadas braçais como lidar com o gado e outros animais soltos a campo. A preparação da terra seja ela feita no método antigo lavrada a cavalo, boi ou no método tradicional com trator, são práticas exercidas pelos adolescentes e homens adultos até em média a faixa etária dos 60 anos, ficando o restante das atividades para o grupo de mulheres.

Como apresentado no ambiente de pesquisa, esta comunidade é praticamente formada por pessoas com raízes consistentes no local, desde a sua fundação por seus antecessores. Essas pessoas estão distribuídas ao longo do local de aproximadamente 10 quilômetros de extensão e variando muito na largura. O local é ocupado por pessoas que desenvolvem atividades oleiras³, pecuária e agricultura. As que exercem atividades agrícolas plantam as mais variadas espécies para atender as necessidades básicas da família que usam estas culturas como base alimentar e também para os animais.

³ Fábrica de tijolos maciços, furados e telhas tipo Marselha.

O local é particularmente conhecido na região carbonífera, pois partiu daí o movimento pela emancipação do município, que se tornou independente de São Jerônimo. A partir da separação, o município passou a ser mais independente, investiu em infra-estrutura básica na cidade e trouxe algumas indústrias para gerarem emprego e renda para as famílias. Deste ponto em diante passaram a estruturar as associações de bairros que objetivaram engajar pessoas aptas a serem parceiros para desenvolver comunidades.

Nesse sentido, Fontes (2003) destaca que a sustentabilidade de uma associação de moradores, definida pela capacidade que a comunidade dispõe para garantir seu pleno funcionamento por meio de recursos (financeiros, humanos, organizacionais, por exemplo), normalmente é bastante limitada. O que se constata é uma grande dependência das associações em relação a recursos externos (ONGs, entidades financiadas por políticos, Igreja, entre outros) na estruturação de suas atividades cotidianas.

As atitudes das pessoas em relação à prática comunitária apresentam-se desuniformes. Existem fatores relativos ao *status* do indivíduo (educação, renda, idade, sexo) ou à sua biografia pessoal (experiência anterior em práticas associativas, ambiente familiar favorável a discussões políticas, influências diversas etc.) que estruturam as disposições e as práticas associativas. Como regra geral, pode-se talvez definir um padrão participativo a partir das características de indivíduos potencialmente mobilizáveis. O simples estado de carência, como tem afirmado insistentemente a literatura sobre o assunto, não é decisivo, embora, de certa forma, seja condição necessária à emergência de movimentos comunitários. Existiriam, então, outros fatores que motivam os indivíduos a participar. Se considerarmos os determinantes estruturais, isto é, as características adquiridas pelo indivíduo mediante sua inserção no tecido social (educação, renda, naturalidade), além de outras referentes ao *status* adscrito (sexo, raça, idade), alguns padrões de comportamento poderiam ser observados em indivíduos que compartilham características semelhantes. Mas, esses fatores observáveis nos atributos individuais não explicam totalmente o engajamento das pessoas em práticas participativas. Estamos considerando o fato de que o desenho das redes egocentradas é importante na explicação do fenômeno de participação política. Existiriam, também, estruturações de redes mais favoráveis

a processos de sociabilidade, estimuladores de práticas de participação (FONTES, 2003).

A primeira propriedade estudada possui área de aproximadamente 50 ha e a família exerce atividades diversificadas tendo como predomínio a criação de bovinos, dividida em outros dois lotes próximos da propriedade de áreas maiores de terra. O proprietário não reside no local, porém, possuem um caseiro, que, juntamente com o filho dão continuidade e manutenção as atividades rotineiras. O estabelecimento contém múltiplas funções e além da bovinocultura, cria ovelhas, porcos, galinhas, peixe, culturas anuais destinada ao consumo da família e animais. No quintal existe uma horta com diversas olerícolas, servindo ao mesmo propósito das demais atividades de alimentar os animais, pessoas e comercialização de parte do excedente. Como a propriedade é próxima à cidade, faz deslocamentos de duas a três vezes por semana preferencialmente aos finais de semana para a lida do campo que segundo ele é sua paixão prioritária.

O segundo estabelecimento possui área de 60 ha e produz culturas diversificadas e a única mão de obra disponível é do empregado que com o auxílio de equipamento mecanizado realiza todas as atividades de culturas anuais como: milho, feijão, aipim, batata doce, frutas, verduras e outras leguminosas que abastece a mesa de sua família e do patrão durante o ano todo. Além de poder consumir a produção, vende o excedente na porteira e entrega nas casas da área urbana. Do lucro obtido com a comercialização, aplica parte novamente em parceria com o proprietário. Próximo à residência possui uma horta de pequeno porte com quatro ou cinco canteiros e utiliza o esterco do gado e das galinhas para desenvolver as leguminosas que cultiva com algumas espécies adaptáveis à região e estação do ano.

O terceiro estabelecimento refere-se a uma família também tradicional do local, que pratica a atividade de exploração de argila para fabricação de tijolos e telhas. Em paralelo a essas atividades, explora cultivares variado para sustento familiar e animal. O casal nasceu no local e cresceu com seus pais trabalhando com a olaria e agricultura. Estas atividades são a única maneira rentável para o sustento da família e não visualizam qualquer outra forma de trabalho que gere renda. Essa família, da mesma forma que as duas anteriores, possui um espaço destinado a verduras, frutas e temperos que abastece as necessidades familiares diariamente. Quando perguntado se produzem além do necessário, responderam

que existem muitas sobras dos cultivos em geral, e o que não consomem vira alimento para pequenos animais e também eventualmente vendem algum excedente geralmente ao nível de porteira, mas para pessoas já conhecidas que compram rotineiramente. Entretanto afirmam que só comercializam dessa forma para não desperdiçarem ainda mais o que vai pro lixo orgânico.

4.2. Atividades desenvolvidas

Como primeiro passo para a identificação das atividades desenvolvidas nas propriedades, procurou-se relacionar quais os tipos de atividades que foram ou ainda são desenvolvidas. Essa análise é muito importante para selecionar o objetivo principal em desenvolvimento. Foram listadas neste capítulo as atividades consideradas mais relevantes pelos produtores, não apenas devido ao fator financeiro, mas também pela representatividade do trabalho exigido ou tempo de duração das atividades nas propriedades e também dando ênfase como atividades complementares a rotina diária que faz parte da rotação de culturas desenvolvidas em conjunto com as hortaliças e dá sustentabilidade a continuidade da família no campo.

4.3. Produção leiteira

A rentabilidade das unidades de produção agrícola familiar estudada possui como alicerce a criação de gado, fábrica de cerâmica, atividade agrícola, criação de pequenos animais e também a ordenha de vacas leiteiras e dentre todos os aspectos positivos rentáveis a venda do leite na porteira vem como incremento e soma-se ao restante das outras atividades. O dinheiro da comercialização é reinvestido novamente em mais animais para futuras criações e exercem assim, um ciclo de produção contínua, sendo incrementado ano a ano.

Numa análise mais profunda pode-se entender que estes produtores possuem uma diversificada fonte de alimento e renda e mesmo não possuindo renda monetária fixa, garantem o sustento da família conseguindo capitalizar o pouco que comercializam e reinvestem nas propriedades e dessa maneira garantem a sustentabilidade e geram boas expectativas futuras para seus filhos.

Ficou claro que a mão de obra utilizada nessas atividades por estes produtores, é predominantemente da família e qualquer incremento que mude a

forma de cultivar, viria a prejudicar suas produções anuais sem um planejamento prévio, como cita Silva (2003, p.171):

A mão de obra familiar: as unidades camponesas operam à base do trabalho familiar. Assim, a disponibilidade potencial de mão de obra ao longo do ano tende a se manter num nível mais ou menos constante, independente das necessidades objetivas de força de trabalho na produção agropecuária. Se for introduzida uma monocultura ou um sistema tecnológico com necessidades muito variáveis de mão de obra durante o ano, tende a se estabelecer um desequilíbrio entre mão de obra disponível e a realmente demandada. Em outras palavras, parte da família ficará subocupada ou mesmo desocupada, reduzindo-se, assim, a produtividade média do trabalho disponível da unidade familiar. (SILVA, 2003)

Portanto, cada membro da família possui seu representativo lugar de destaque na unidade produtiva e a separação delas ocorre por sexo e faixa etária, onde homens executam as tarefas mais pesadas e as mulheres, crianças e velhos as leves, não menos importante para o ciclo produtivo.

Dentre tantas tarefas diárias, a produção de leite dessas famílias serve de fonte de alimento como complemento no café. Parte da bebida é destinada à fabricação de queijos, iogurtes e a outra é comercializada dentro da propriedade e entregue nas residências do local.

4.4. Produção frutífera

Além de comercializarem ovos, aves, porcos, ovelhas, peixe, conservas, compotas, hortaliças, melancia, aipim, queijos, também vendem na porteira e centro urbano frutas das mais variadas espécies típicas adequadas ao clima.

Parte da produção frutífera fica destinada à fabricação de compotas e incremento a receitas de doces, bolos e tortas. As frutas cítricas, ademais do consumo direto, são também transformadas em sucos ou sobremesa.

4.5. Atividades não agrícolas

Durante as entrevistas, foi possível identificar que eles e suas famílias, não viviam apenas das atividades agrícolas. Em vários momentos de suas vidas, dedicaram-se também a atividades não-agrícolas. Podem-se relacionar algumas dessas atividades que também colaboraram na construção do patrimônio e da renda da família.

O proprietário do primeiro estabelecimento nasceu e criou-se até a adolescência no local, estudou e fez a vida na zona urbana como político e advogado. Atualmente reside na cidade e administra sua propriedade com deslocamentos constantes.

Portanto, os recursos monetários alcançados pela diversificada produção no meio rural, são destinados à capitalização e manutenção do patrimônio familiar.

O segundo estabelecimento, que possui somente um funcionário de carteira assinada, alcança algum recurso extra salário com atividades em parceria com o proprietário, fruto da venda dos produtos produzidos no local.

O último estabelecimento, possui como fonte de renda e manutenção familiar a atividade olerícola e o incremento de renda fica por conta da mulher que dedica-se a fazer pães, doces, cucas, geléias, entre outros, comercializando no local e na cidade para reforçar o orçamento doméstico.

4.5.1. Comércio avulso na propriedade

Para melhor entender o processo de comercialização nas propriedades em estudo, é preciso identificar e elencar algumas que utilizam esta prática. Baseado nos estágios sucessivos de individualidade e coletividade, ele é considerada decisão individual, pelo fato de ser centralizada na figura do proprietário. Os produtores são os detentores do poder de decisão na família. Ainda assim, é possível enquadrá-los como comerciantes de pequena escala pelos laços culturais que se desenvolveram ao longo dos anos e aos poucos vêm enfraquecendo esta negociação.

4.6. Descrição desta negociação

Primeiramente deve-se destacar que este tipo de comercialização tanto na porteira como na praça, não aconteceu do dia para noite. Como a emancipação do município passou por esta localidade, torna-se claro que os ocupantes do local foram os promissores exploradores e atendiam suas necessidades de forma variada em discordância com o meio ambiente. Trabalhavam de forma insustentável, pois esgotaram quase todos os recursos naturais através da exploração desenfreada. Como eram os primeiros habitantes,

tinham abundância de terras e não necessitavam explorar o mesmo local constantemente e praticavam o método de derrubada queimada e rodízio de áreas agricultáveis.

Pode-se notar que o processo de negociação na porteira, envolve métodos pouco complexo para a transação. Muitas vezes, esta atividade passa despercebida pelos produtores, tamanha a naturalidade com que a exercem. Investem mais tempo na produção e realização de atividades, do que no planejamento para comercializar e, o volume desta é tão desprezível que se não ocorrer pouca diferença irá fazer no orçamento doméstico.

4.7. Critérios para comercialização

Os critérios desta atividade não são bem claros para os produtores, pois como citado anteriormente, o processo de comercialização não é aprofundado pelos agricultores familiares. Mesmo assim, em cada atividade escolhida para esse estudo é possível identificar critérios econômicos. As atividades descritas anteriormente possuíam nas propriedades a principal finalidade de produzir para o gasto e o excedente transformar em renda familiar e dessa maneira além de comercializar alimentos variados produzidos por eles, acrescentam maior lucro e conquistam consumidores e ao levarem seus produtos, também carregam junto o nome do produtor e vendem a boa imagem a outros consumidores.

4.8. Possíveis formas de venda das hortaliças de maneira conjunta

Todas as propriedades que se localizam no Rincão dos Américos, estão constituídas há décadas, uma que outra se diferencia, mas exercem um papel uniforme entre elas. Esses estabelecimentos necessariamente utilizam mão de obra familiar para manterem a continuidade e sustentabilidade de maneira consciente. Como visto anteriormente o somatório das atividades delas chega a constituir um numeroso negócio bem variado que se fosse todas essas atividades concentradas apenas a um proprietário necessariamente teria que contratar grande quantidade de mão de obra fixa e sazonal e exigiria um considerado nível de capital.

Esta concentração torna desproporcional a atividade rural como bem cita Vezzali, (2006), quando retrata esta realidade atualmente no país:

Na raiz da desigualdade social está à concentração de terras rurais nas mãos de poucas famílias ou empresas. Cerca de 3% do total das propriedades rurais do país são latifúndios, ou seja, tem mais de mil hectares e ocupam 56,7% das terras agriculturáveis – de acordo com o Atlas Fundiário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (VEZZALLI, 2006).

A concentração fundiária não alcançou esta região que de longe qualquer proprietário não possui mais que 5% desde montante e ao que parece de forma natural uma espécie de reforma agrária se instalou na localidade e este sistema contribui para a manutenção e desenvolvimento desta comunidade, onde um complementa o outro.

Como visto anteriormente, estas propriedades desenvolvem uma diversificada atividade produtiva, envolvendo desde atividades não agrícolas até ao desenvolvimento da policultura útil a o subsídio alimentar familiar e animal. Alheio à produção agrícola a associação dos moradores traz vantajosas conquistas para os moradores do local. Realizam reuniões mensais com os membros da associação e em audiências expõem seus anseios e buscam melhorias a todos. Dentre estas melhorias apenas as patrulhas agrícolas estão relacionadas à agricultura e não visualizam este poder de articulação tão importante ao fortalecimento de um potencial negócio rentável.

Os produtores familiares do Rincão dos Américos em sua grande maioria desenvolvem plantios de hortaliças para o consumo familiar e a venda de algum excedente na porteira. Essas atividades, por mais necessárias que sejam para complementar a renda e alimento à mesa, não ocupam quantidade significativa nas propriedades, tampouco desprendem grande mão de obra que geralmente é cuidada pela mulher e filhos menores.

Neste contexto de trabalho, poderiam aumentar ainda mais suas produções de hortifrutigranjeiro e utilizar a associação local para organizar e planejar o alcance de mercados, local e regional para venderem e exporem seus produtos. Atualmente se somar todos os produtos produzidos no quintal das casas em termos de qualidade e variabilidade, certamente encontrar-se-ia uma vasta e diversificada variedade de frutas, temperos e hortaliças que são consumidas diariamente pela população que buscam no varejo a preços e carga de agrotóxicos elevados.

Esta soma de forças necessariamente precisará de aporte de outros órgãos com afinidades a população, podendo-se apontar a Emater. Esta Instituição é concentradora de qualidade profissional, incrementando maior número de espécies nas culturas e também realiza a promoção de feiras na sede da associação ou na praça central da cidade. Somado a isso, o poder público municipal subsidiaria a logística e financiamento de um local apropriado para o armazenamento dos produtos para proporcionar maior tempo de vida às leguminosas, que são de fácil decomposição. O braço invisível no ente público é peça fundamental para negociação e com esse aporte torna maior a segurança dos produtores que vêm do gestor público o apoio necessário para comercializar seus produtos.

Nessa linha de raciocínio Silva (2003), afirma que:

Uma política de crédito rural que contemple as necessidades dos pequenos produtores já é um grande passo no sentido de romper a sua dependência em relação ao capital comercial-usuário no que diz respeito ao financiamento das atividades produtivas. Permanece, todavia, a questão da apropriação de grande parcela do excedente da produção camponesa pelo sistema de comercialização quando este se apresenta oligopolizado. Assim, a manutenção de certo grau de concorrência na comercialização agrícola ou o seu controle por parte do Estado parece ser fundamental para garantir o poder de barganha dos produtores, especialmente dos pequenos. Paralelamente a melhoria da infraestrutura de armazenagem estatal também tem um peso importante, na medida em que um dos pontos mais frágeis da relação entre o pequeno produtor e o comerciante diz respeito à necessidade de vender o produto em época de preços desfavoráveis por falta de condições de armazenamento. (SILVA, 2003)

Assim sendo, fica claro que só a união dos produtores do Rincão dos Américos não basta para alcançarem o sucesso e é de fundamental importância o apoio do poder público para financiar a preços subsidiados um local próprio para armazenagem dos produtos e um veículo de transporte adequado para esse fim. Dessa forma, os supermercados da cidade não irão necessitar se deslocar duas vezes por semana a Ceasa para comprarem frutas e verduras destinadas à população local. O alvo principal para estes produtores será sem dúvida os cinco supermercados da cidade que mais vendem leguminosas, sendo que todos possuem veículo próprio para buscarem as hortaliças, podendo assim, baratear os produtos para o consumidor final.

Os gestores devem ser preferencialmente integrantes da associação dos produtores, os quais representarão a feira perante os órgãos governamentais, sociedade civil e outras instituições. Os membros sócios da associação são pessoas, na grande maioria, de pouca instrução formal e deverão fazer uma escolha entre eles para elegerem os melhores para comporem o grupo de trabalho que fará articulação entre plantio, colheita e comercialização e após a divisão dos lucros que aumentará à medida que alcançarem a fidelização dos consumidores.

As feiras semanais em praça pública, a exemplo do que ocorre em outras localidades, também são peças fundamentais para se somar ao restante do negócio e nessas, não só poderão vender hortaliças, mas conservas, compotas, embutidos e até artesanatos.

As Feiras Livres constituem um exemplo de espaço de comercialização que foge ao esquema usual de distribuição dos outros programas comerciais – como supermercados, sacolões e mercados: seu caráter é temporário e sua estrutura possibilita grande capacidade de adaptação a diversas situações.

As Feiras ocupam espaços urbanos com diferentes características (mesmo que por um curto período de tempo), podendo atender tanto a demandas de consumo locais como metropolitanas. Daí o seu potencial em atender tanto ao pequeno comerciante, que não tem a oportunidade de adquirir um ponto comercial dentro desses outros programas comerciais, como a um público específico que busca alternativas de consumo.

As Feiras são caracterizadas de acordo com a periodicidade e locais de realização. Há aquelas que acontecem sempre no mesmo local, em dias da semana determinados; aquelas que a cada dia da semana acontecem em um local diferente da cidade; ou aquelas que são totalmente móveis (feiras volantes), se utilizando de um veículo – ônibus ou caminhão – adaptado para acomodar os produtos a serem comercializados (Site MDS).

Esta estruturação necessita de um aporte organizacional de comprometimento dos membros que por sua vez passam tranquilidade aos consumidores de características típicas de cidade pequena, onde todos se conhecem e formam um laço de fidelização entre os atores envolvidos.

4.9. Sustentabilidade nas propriedades

Diante das atividades desenvolvidas nas propriedades, pode-se relacionar os aspectos da sustentabilidade aplicados a cada atividade. Para que seja considerada sustentável uma atividade deve manter a capacidade de

regeneração dos recursos utilizados ao longo do tempo. Dentro das atividades desenvolvidas nas propriedades, verifica-se que algumas se demonstraram sustentáveis em relação ao tempo e outras não. É possível identificar sobre quais os aspectos da sustentabilidade as atividades não sustentáveis se tornavam inviáveis.

4.9.1. Dimensão econômica da sustentabilidade nas atividades

As atividades agrícolas foram bastante representativas na sustentabilidade econômica das propriedades. Como foi relatado ao longo do estudo, foi através de sucessivas substituições de gerações que os agricultores familiares adquiriram suas independências financeiras e construíram seus patrimônios. Essas atividades eram importantes, pois, segundo os produtores, o custo de produção é relativamente baixo, abrangendo sementes, adubo e mão-de-obra.

4.9.2. Dimensão social das atividades

A dimensão social da sustentabilidade aborda questões como a inclusão de camadas menos favorecidas e melhoria na qualidade de vida. Entre as atividades desenvolvidas, a atividade agrícola tem grande importância no quesito social. Essas atividades geraram, além da ocupação da mão-de-obra das famílias, um emprego direto e algumas contratações temporárias nas épocas de preparação e manutenção da roça e na época de colheita de culturas extra hortícolas que compõem a base alimentar das famílias e sustento animal.

4.9.3. Dimensão ambiental das atividades

Quando se fala em meio ambiente, logo, vem à tona a palavra sustentabilidade, sendo o primeiro aspecto a ser lembrado. Na prática, porém, ela não é a primeira a ser considerada no processo de tomada de decisão das empresas. Nas propriedades estudadas, essa realidade não diverge. Apesar de ser reconhecida a importância dos fatores ambientais para a sustentabilidade das atividades desenvolvidas, esse não é um critério fundamental entre os produtores. Mesmo assim é possível relacionar as atividades aos aspectos que indicam sustentabilidade ambiental.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate da produção e comercialização dos produtores familiares do Rincão dos Américos está associado à sustentabilidade que não pode mais ser tratada de forma negligente. É necessário um comprometimento real com todos os aspectos envolvidos nesse conceito. Existe atualmente uma campanha mundial para que os consumidores sejam críticos com relação ao consumo de produtos de empresas despreocupadas com a sustentabilidade e incentivam os mesmos a consumirem produtos que se identifiquem com a pequena produção. Neste contexto, os produtores em pequena escala estão ganhando mercado para esporem seus produtos. Cada vez mais o mercado consumidor está demandando produtos que produzam baixo impacto nas questões ambientais e sociais.

Porém, nas atividades rurais, ainda não há uma cobrança da sociedade, no sentido de exigir do produtor maior responsabilidade com os recursos naturais. Ao consumir um alimento, dificilmente alguém se questiona sobre como ele foi produzido e quais os impactos dessa produção sobre o meio ambiente e a sociedade. Sabe-se que em alguns alimentos a carga de agrotóxicos utilizada em sua produção é muito elevada. Em outras situações, produtores, em nome do aumento da produção, destroem os recursos naturais que estão sob seus cuidados.

A pergunta feita pelos consumidores ainda é: onde encontrar o alimento mais barato? Essa lógica conduz ao aumento da produção em escala e eliminação do pequeno produtor. É preciso dispor de outro modo de consumo: o consumo de alimento de qualidade, onde se deve valorizar também o impacto causado pelo processo produtivo.

Neste contexto de divergências, os produtores familiares do Rincão dos Américos estão à frente em termos de produção em pequena escala desconcentrando o poder capital a apenas um proprietário. Essa particularidade desta comunidade mantém constante a existência desses produtores por sucessivas gerações, porém ainda trabalham muito ligados à industrialização.

Atualmente estes produtores plantam hortaliças para consumo próprio e comercializam uma pequena parte excedente, ficando o restante inutilizado, perdendo assim recursos financeiros que poderiam ser arrecadados com a comercialização dos excedentes. Eles estão a décadas cultivando e sobrevivendo dessa maneira, com recursos financeiros e materiais escassos, tendem a

permanecer nessa situação, pois visam atender dentro da porteira somente interesses próprios e não coletivos. Paralelo a isso, fora da porteira desfrutam da associação e conquistam recursos materiais importantes para a localidade, mas não visualizam essa conquista conjunta dentro das propriedades.

Assim, o presente estudo expõe esta realidade e traz a tona à discussão sobre o melhor aproveitamento da associação já existente, juntamente com o poder público local, no sentido de aperfeiçoar as condições de comercialização local, proporcionando renda adicional a estes produtores e ao mesmo tempo produtos de qualidade à população local.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Renato Linhares de. Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: perspectivas a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia. **Econ. Apl.**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 1, p. 23 2006 .

BINKOWSKI, Patrícia. **Conflitos Ambientais e Significados Sociais em torno da Expansão da Silvicultura de Eucalipto na "Metade Sul" do Rio Grande do Sul**. 2009. 212 f. Dissertação (mestrado) – Programa de pós graduação em desenvolvimento rural da faculdade de ciências econômicas da universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BUAINAIN, Antônio Márcio; ROMEIRO, Ademar R; GUANZIROLI, Carlos. Agricultura familiar e o novo mundo rural. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 10, 2003 . p.4. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222003000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 set. 2010. doi: 10.1590/S1517-45222003000200011.

Censo populacional de Arroio dos Ratos, RS. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> . Acesso em 06 jan 2011.

Como implantar feiras populares. Disponível em <http://www.mds.gov.br/segurancaalimentar/equipamentos/feirasmercados/como-implantar-feiras-populares>. Acesso em 30 jan 2011.

FILHO, Luiz Fernando Fritz. **Análise sócio-econômica dos produtores de melancia do município de Arroio dos Ratos-RS**. 1999. 97 f. Dissertação (mestrado em Economia Rural) – UFRGS, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

FLORISBELO, Guauco Regis; et. al. A experiência da promoção do (des)envolvimento local na zona da Mata. *Agriculturas* - v. 4 - no 2 - julho de 2007. p.4. Disponível em: WWW.aspta.org.br. Acesso em 22 Out 2010.

FONTES, Augusto Souto-Maior. Sobre a sustentabilidade das associações voluntárias em uma comunidade de baixa renda. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 15, n. 1, abr. 2003 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702003000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 jan. 2011. doi: 10.1590/S0103-20702003000100009.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRISA, Catia; SCHNEIDER, Sergio. "Plantar pro gasto": a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. **Rev. Econ. Social. Rural**, Brasília, v. 46, n. 2, p.8 2008.

JATOBA, Sérgio Ulisses Silva; CIDADE, Lúcia Cony Faria; VARGAS, Glória Maria. Ecologismo, ambientalismo e ecologia política: diferentes visões da sustentabilidade e do território. **Soc. estado.**, Brasília, v. 24, n. 1, abr. p.16 2009

LEWIN, Kurt. Teoria de Campo de Lewin. [ca. 1935]. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_de_campo_de_Lewin#cite_note-Rheinberg-1 . Acesso em 29 jan 2011.

LUIZ, Alfredo José Barreto; SILVEIRA, Miguel Ângelo da. Diagnóstico rápido e dialogado em estudos de desenvolvimento rural sustentável. **Pesq. agropec. Bras.**, Brasília, v. 35, n. 1, jan. 2000.

MELO, Rosemeri Santos de. A dimensão ambiental da educação e as redes de informação e reconhecimento. *Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* ISSN 1517-1256, Volume 05, janeiro/fevereiro/março de 2001. p. 4. Disponível em: <http://www.remea.furg.br/mea/remea/vol5/rosimeri.PDF>. Acesso em: 29 Mar 2011.

OLALDE, Alicia Ruiz; PORTUGUAL, Cadja Araújo. Professora da UFBA, Professora da FTC. Agricultura Familiar, Reforma Agrária e sua inserção no enfoque territorial no Brasil. [ca. 2010]. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/12/11O480.pdf>. Acesso em 28 Mar 2011.

SILVA, José Graziano da. **Tecnologias e agricultura familiar**. Editora UFRGS, 2ª edição. 2003.

SILVA, Sandra Helena da; ROCHA, Sandra Damasceno da. A divisão sexual do trabalho na agricultura familiar na Amazônia: o "não trabalho feminino". RELEM – Revista Eletrônica Mutações, julho –janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.relem.info/index.php/relem/article/view/7/12>. acesso em 29 jan 2011.

SOUZA, Marcelo Santos de. Redes de cooperação no pequeno varejo: a construção social dos mercados de hortifrutigranjeiros no rio grande do sul. Série PGDR - Tese Nº 23 Porto Alegre 2009. p. 21. SOUZA, Ana Paula de Oliveira; ALCÂNTARA, Rosane L. C. Inserção da pequena agricultura familiar no mercado de nichos: o caso da GRECO no Estado de Santa Catarina - BR. Disponível em <http://www.sober.org.br/palestra/12/09O441.pdf>. Acesso em 21 dez. 2010.

SULZBACH, Cônego Ervino Lothar. **Arroio dos Ratos: Berço da Indústria Carbonífera Nacional**. Arroio dos Ratos Editora Gráfica PBS 1989.

TOMASETTO, Mariza Zeni de Castro; LIMA, Jandir Ferrera de; SHIKIDA, Pery Francisco Assis. Desenvolvimento local e agricultura familiar: o caso da produção de açúcar mascavo em Capanema - Paraná. **Interações (Campo Grande)**, Campo Grande, v. 10, n.1, jun. 2009. p.2 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122009000100003&lng=pt&nrm=iso. acessos em 04 ago. 2010. doi: 10.1590/S1518-70122009000100003.

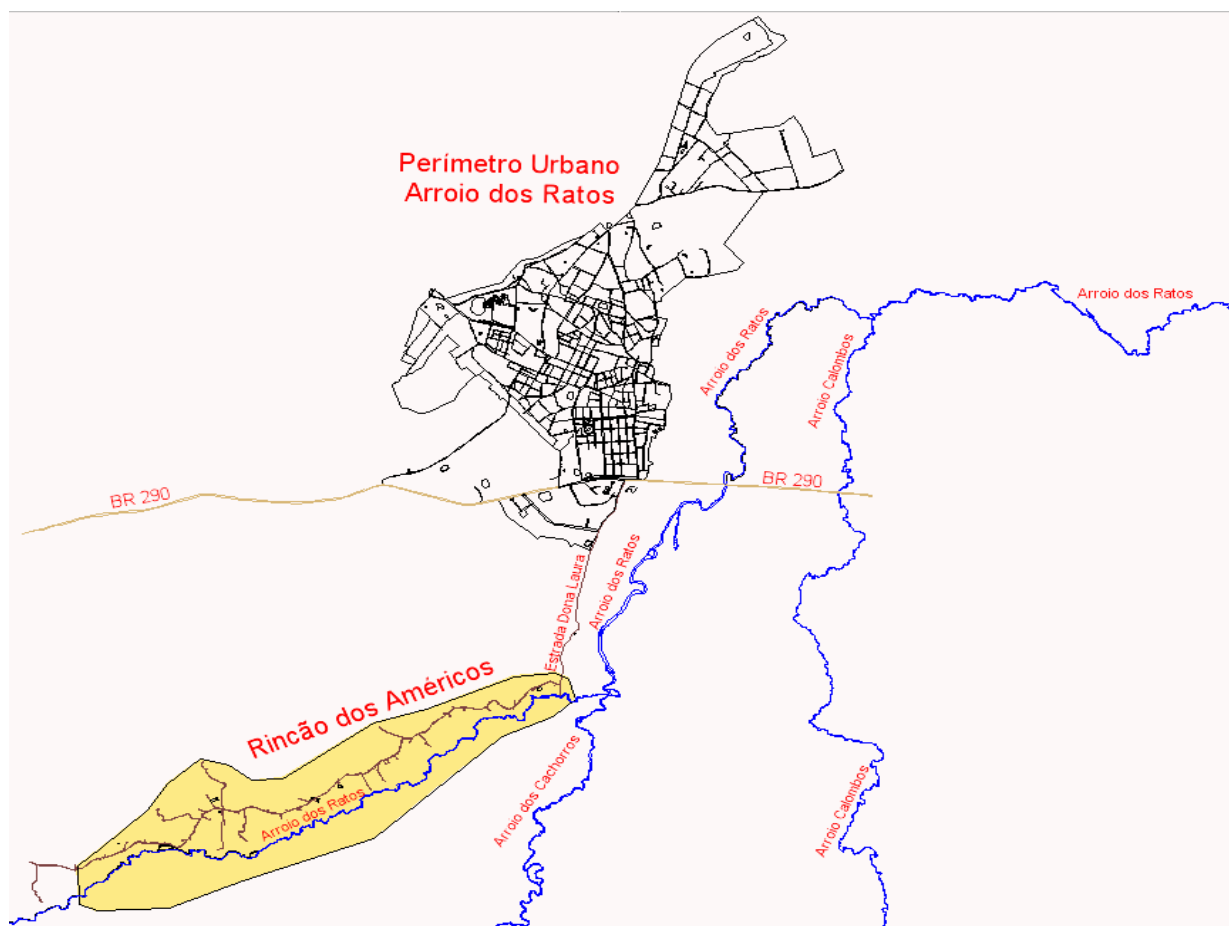
VEZZALI, Fabiana. Especial Latifúndio - Concentração de terra na mão de poucos custa caro ao Brasil. Repórter Brasil, 2006. Disponível em: <http://www.reporterbrasil.org.br/exibe.php?id=654>. Acesso em 30 jan 2011.

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO

- 1) Qual a dimensão de área que constituem as propriedades?
- 2) Que culturas são produzidas no ano agrícola?
- 3) Qual a dimensão de produção de hortaliças?
- 4) Quais atividades adversas a hortaliças produzidas?
- 5) Qual atividade de produção gera mais lucratividade?
- 6) O que é feito do resultado monetário da comercialização das hortaliças?
- 7) Qual a mão de obra utilizada nas propriedades?
- 8) Existe uma preocupação com a sustentabilidade das áreas?
- 9) Existe uma preocupação com o meio ambiente?
- 10) Existe alguma renda extra atividade rural?
- 11) Qual o papel das mulheres e filhos pequenos nas atividades agrícolas?
- 12) Qual o papel das mulheres e filhos pequenos na produção de hortaliças?
- 13) Qual o papel da associação para a comunidade?
- 14) Qual o papel do poder público para a comunidade?

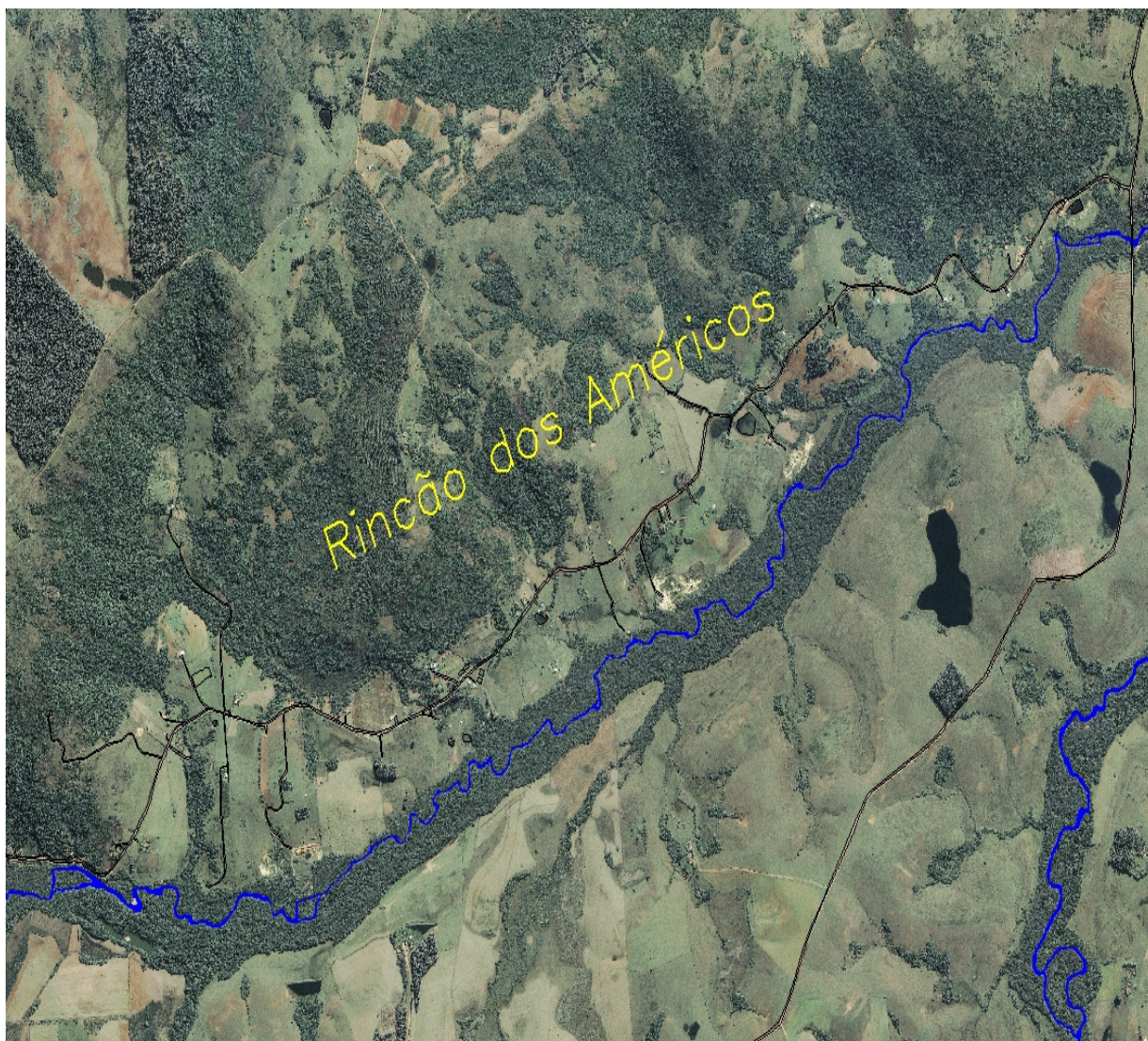
Anexo 1: Mapa da cidade com caracterização do Rincão dos Américos.



Fonte: adaptado Google Earth

Escala: 30°08'42.92"S 51°45'49.62"O

Anexo 2: Localidade Rincão dos Américos



.Fonte: foto Google Earth. Acesso em 25 Mar 2011.